TL0496-3 S

Luís Costa

Ilustres participantes desta
Jornada de Trabalho sobre Timor Leste,
Senhoras e Senhores

Cabe-me, nesta reflexão, falar de uma Igreja pequena, mas forte e firme na sua missão de defesa e evangelização do povo maubere. Uma Igreja anónima no mundo do século XX, mas que, no momento decisivo da sua história, soube sair dos seus claustros para caminhar, defender e lutar, lado a lado, com o seu Povo, pela sua identidade nacional.

Dividirei esta participação em:

- breve introdução histórica
- situação da Igreja de Timor em 1971
- a Igreja e a ocupação de Timor Leste
- situação a partir de 1981.

1. Introdução histórica-

No domínio de Afonso de Albuquerque nas Índias, provavelmente em 1515, os portugueses desembarcaram em Timor, e só em 1530 se terão fixado na ilha.

Em 1556 o Pe. António Taveira é o primeiro dominicano a penetrar em Timor.
Em 1558 é criada a diocese de Malaca e nomeado seu primeiro bispo D. Jorge de Santa Luzia que chega a Timor com alguns companheiros dominicanos.
Em 1561 frei António da Cruz, com mais doze companheiros, inicia a missionação sistemática das ilhas de Solor, Flores e Timor.

O período de 1561 a 1834 é considerado na história da Igreja como época áurea das missões de Timor, apesar de ter passado por vicissitudes diversas, em que conflitos políticos se misturam a lutas religiosas.
As conversões não foram fáceis, porque o povo de Timor, contrariamente às outras ilhas hoje pertencentes à Indonésia, nunca sofreu influência de outras religiões como hinduísmo, budismo, islamismo, protestantismo e inclusive o catolicismo.
O povo seguia e praticava o animismo com todos os ritos que se notava nos antigos cultos. Conhecendo a mentalidade e o espírito do timorense, cedo os missionários aperceberam-se de que a conversão do povo só era possível depois da conversão do seu chefe - o Liurai (régulo).

Em 1598, quando Portugal era governado por um dos Filipes da Espanha, deu-se a primeira revolta contra os portugueses e os cristãos de Solor, Flores e Timor. Muitas igrejas foram destruídas, por gentios e muçulmanos que rejeitavam os cristianismo e a soberania portuguesa. A luta prolongou-se mais de seis meses e morreram mais de 25 mil cristãos (na maioria autóctenes).

Em 1614 a 1631 freis Miguel Rangel e Cristóvão Rangel (dominicanos) mais doze companheiros, reconstituem as cristandades das três ilhas.
Em 1641, Malaca é tomada pelos holandeses e o seu bispo transfere-se para Timor, onde fixa a sede da soberania em Lifau, Okusi.

Em 1701 deu-se a separação do poder civil do poder eclesiástico. Assim, cento e cinquenta anos depois da fixação dos missionários, chega a Timor o poder civil, o governador general Antônio Coelho Guerreiro.

Em 1769 Lifau sofreu penoso cerco por parte dos holandeses e a capital é transferida para a baía de Dili.

Em 1834 (triunfo da revolução liberal) todos os padres foram expulsos, ficando apenas dois padres diocesanos, provavelmente naturais de Timor.

Em 1874 Timor passa a depender da diocese de Macau.
Em 1877 chega a Timor o Pe. Antônio Joaquim de Medeiros, na qualidade de Vigário Geral e Superior das missões e que leva consigo sete padres do Colégio de Cernache do Bonjardim. Vai ser ele o principal obreiro da reconstrução das igrejas em Timor e abre-se, assim, uma nova fase de evangelização - os franciscanos e os dominicanos dão lugar aos padres diocesanos.

Em 1879 chegam as peimeiras Filhas de Caridade Canossianas que criam uma escola e um externato para meninas em Balide, Dili.
Em 1881 o Pe. Antônio Medeiros é nomeado bispo coadjutor de Goa e feito bispo de Macau em 1885.

Em 1990 entram os primeiros jesuítas que fundam, em 1903, o colégio masculino de Soibada, onde a alfabetização e as primeiras classes eram ministradas em Tetum.
Em 1910 na sequência da implantação da República, o número de padres passa de 22 para 10, e as religiosas são obrigadas a fechar as suas escolas e a abandonar Timor, onde só regressam em 1923.
Em 1920 D. José da Costa Nunes é nomeado bispo de Macau e Timor que além de criar várias missões, fundar e construir igrejas, cria a escola de professores catequistas, que foi a primeira escola do ensino secundário, além do seminário menor em Soibada e depois em Dare.

Em 1940 é criada a diocese de Dili e nomeado seu Administrador Apostólico D.Jaime Garcia Goulart que missionava em Timor Desde 1924. Durante a ocupação japonesa (segunda guerra mundial) D. Jaime refugia-se na Austrália, onde é sagrado bispo de Dili em 1945.

Em 1967 D. Jaime resigna e substituído por D. José Joaquim Ribeiro. Cerca de dois anos depois da invasão indonésia, em 1977 D. José resigna e é nomeado Admi-

nistrador Apostólico de Dili, Mons. Martinho da Costa Lopes. e a diocese de Dili fica na dependência directa de Roma.

Em Maio de 1983 Mons. Martinho Lopes, sob proposta do governo de Jacarta, é "aconselhado" pela Santa Sé a resignar e substituído por Mons. Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB , que no dia 19 de Junho de 1988 é sagrado bispo em Dili (bispo titular de Lorium e Administrador Apostólico de Dili).

2. Situação da Igreja de Timor em 1971

Em 1971 a diovese de Dili estava dividida em três paróquias (Dili) e quinze missões, no interior da ilha.
O número de sacerdotes era de 42, sendo 31 diocesanos e 11 religiosos. Dos 31 diocesanos 13 eram timorenses e os restantes 18 europeus, goeses e chineses.
Dos religiosos 3 eram jesuítas e 8 salesianos.
Os irmãos religiosos eram 10 (3 jesuítas e 7 salesianos).

As religiosas ascendiam a 49 (30 canossianas, 12 dominicanas e 7 Servas da Sagrada Família).
Além disso, havia 173 catequistas e 168 professores nas escolas das missões.
A Igreja tinha a seu cargo:

- 1 seminário menor em Dare, num total de 40 alunos
- 4 colégios masculinos
- 4 colégios femininos
- 7 escolas masculinas
- 3 escolas femininas
- 2 escolas mistas
- 16 postos escolares masculinos
- 5 postos escolares femininos
- 7 postos escolares mistos.

A filosofia era tirada em Évora e a Teologia em Leiria.
Até 1966 o estudo do seminário marior fazia-se em Macau.

Numa população total recenseada em 1970 de cerca de 628.842 havia 196.861 católicos; 2.227 protestantes; 5.942 budistas; 234 maometanos; e os restantes 423.578 animistas. Os catecúmenos ascendiam a 15.950 (1971).

3. A Igreja e a ocupação de Timor Leste

Ao olharmos para os dirigentes dos partidos (Fretilin, UDT, Apodeti) vemos que quase todos eles foram alunos das missões católicas ou foram alunos dos seminários menor de Dare ou maior de Macau.

Quando a Indonésia invadiu Timor Leste a maior parte da população fugiu das vilas refugiando-se nas montanhas com as forças da Fretilin. Seis sacerdotes estavam nas montanhas com esta população.
Na sequência de muitos meses de ataques sistemáticos com napalme, desfolhantes e bombas, com os quais os indonésios destruíram praticamente todas as culturas e gados, e mataram mais de centena de milhar de pessoas, a própria Fretilin aconselhou a população sobrevivente, esfomeada a entregar-se.

Até ao Pe. Leoneto do Rego, em 1981, apresentar o seu depoimento no Tribunal dos Povos, em Lisboa, quase não se ouviu qualquer voz da Igreja a falar de Timor Leste, fora do seu território.
A este silêncio não se estranha a posição da Igreja da Jacarta, nomeadamente dos seus bispos que tentaram convencer o bispo de Dili, D. José Ribeiro, de que a Igreja nada tinha a temer com a integração de Timor Leste na Indonésia.
Talvez se possa compreender essa atitude se nos lembrarmos de que a Indonésia é a maior nação islâmica do mundo com cerca de 168 milhões de habitantes e só tem cerca de 2% do total de católicos e de que a Igreja coopera e cumpre com zelo as orientações do governo.
O próprio D. José e vários padres e religiosas receberam os invasores como se de libertadores se tratasse. Mas pouco duraram esse fervor de anticomunismo quando se aperceberam que os "libertadores" eram piores que os "comunistas" da Fretilin, e os protestos de D. José pelos massacres e violações perpetrados pelas tropas indonésias não ultrapassaram as barreiras de Timor.

Apesar da posição da Igreja Indonésia ser favorável à integração, em Novembro de 1976, uma delegação de padres indonésios que visitou Timor, nessa altura, escreveu: "cerca de 80% do território está controlado pela Fretilin que comanda a resistência do povo, a maior parte da população está nas montanhas, as comunicações terrestres são difíceis para as tropas indonésias. O desejo da integração começa a diminuir devido aos roubos, incêndios, violações de raparigas, massacres, etc..." Um ano depois, em Novembro de 1977 escrevia um missionário que estava em Timor: "Fazei algo de positivo pela liberdade do povo de Timor. O mundo ignora-nos e é pena...estamos a caminho de um eminente genocídio...a guerra promete ser carnificina, extermínio..."

4. Situação a partir de 1981

- em Dezembro de 1978 Nicolau Lobato, Presidente da Fretilin, morrem em combate
- cerca de 50 membros do Comité Central, restavam apenas três;
- 80% das Falintil tinham morrido ou abandonaram as armas e se entregaram aos indonésios;
- a desorganização era total;
- as ligações entre grupos da resistência sobreviventes e deste ao exterior estavam cortadas.

Julgando-se com a guerra ganha, os indonésios dão largas à sua brutalidade, não respeitam a promessa de amnistia e os assassinatos e massacres, em massa, eram generalizados. Por todos os lados, se fala de cenas horrorosas de torturas, violações e brutalidades.

Grande parte dos sacerdotes e missionários em Timor toma, então, atitudes corajosas de defesa do povo contra tais brutalidades.
Perante tanta desumanidade e brutalidade, a revolta enraiza-se no coração do timorense, a resistência reorganiza-se e a guerrilha recrudesceu.

Assim, em Outubro de 1981, Mons. Martinho Lopes inicia, em público, uma nova fase de posicionamento da Igreja. A sua denúncia chega ao exterior, bem como os seus apelos de apoio alimentar e protecção para o martirizado povo maubere.

Para muitos (cristãos e gentios), a Igreja Católica foi o único refúgio onde se puderam acolher. Muitos foram salvos de ser massacrados.
Além disso, a Indonésia tenta impor a sua língua em todos os domínios, mesmo nos actos religiosos. Foi, então, que oito padres timorenses, em 1980, se reuniram e decidiram traduzir para Tetum (língua nacional de Timor Leste) todas as partes do missal romano, ordinário da missa, os rituais de baptismo, casamento e óbitos. Um ano depois, em Outubro de 1981, o Núncio Apostólico de Jacarta anunciou solenemente a aprovação de Roma da utilização do Tetum nas celebrações litúrgicas, celebrando a missa em tetum.

Por diversos motivos acima referidos, e como reacção à indoneização e à islamização que os invasores tentaram, a generalidade da população de Timor acercou-se da Igreja Católica. Assim, o número de católicos passou de 197 mil (31%) em 1971 para 438 mil (80%) em 1984.
Em 1986 o número de padres era o mesmo que em 1971 (42 padres).

Face a este desnível, o Administrador Apostólico de Dili aceita, como um mal menor, a entrada de padres e religiosos indonésios.
O regime de Jacarta concede a estes padres e religiosos numerosas facilidades e pede para estas facilidades que a Igreja apoie a integração de Timor Leste.
Podemos, assim, verificar que estes padres e religiosos divulgam o programa do governo, tentam convencer o povo sobre o benefício da integração e informam o regime sobre acções de libertação dos timorenses.

Mas a Igreja de Timor não se deixa levar pelas promessas e, então, os ocupantes passaram a exercer pressões sobre padres, catequistas e cristãos de Timor, ameaçando uns, prendendo outros, assassinando alguns.

Esta fase conincidiu com uma maior firmeza de Roma e com tomada de posição dos bispos portugueses em Março de 1984.

Em Julho de 1984 Mons. Belo afirmou: "receio uma javanização de Timor Leste. Em Dili, pergunto-me muitas vezes: onde estão so timores?..."

De todos os apelos de padres ou de qualquer outro cidadão timorense, está bem patente esta realidade:
a consciência de uma entidade nacional fortemente sentida, a qual não suporta ver-se reprimida ou aniquilada e que está a ser ameaçada. O Povo de Timor Leste sente-se lesado nos seus direitos humanos mais fundamentais, e entre estes direitos há o de orientar e dirigir o seu próprio destino, geri-lo seu destino consoante a sua própria identidade.

Termino chamando a vossa atenção para a carta que D. Ximenes Belo dirigiu ao Secretário Geral das Nações Unidas, em 6 de Fevereiro de 1989.

Lisboa, 24 de Abril de 1989

Luís da Costa
Secretário-Geral da FABC

TL0196-4

DIOCESE DE DILI
CÂMARA ECLESIÁSTICA-CHANCELARIA-SECRETARIA EPISCOPAL
R. Gov. Alves Aldeia, 25, Dili,Timor
Tel.:21645

Excelentíssimo Senhor
Dr. Javier Perez de Cuellar
Dig.mo Secretário Geral das Nações Unidas
Nova York - USA

Excelentíssimo Senhor:

Em primeiro lugar há-de permitir-me que lhe apresente os meus sinceros e respeitosos cumprimentos.

Tomo a liberdade de escrever a Sua Excelência o Senhor Secretário Geral para levar ao seu conhecimento que o processo da descolonização de Timor Português ainda não está resolvido pelas Nações Unidas e convém não deixá-lo no esquecimento. Para nós o Povo de Timor, pensamos que temos de ser consultados sobre o destino da nossa terra. Por isso, através desta, eu, como responsável da Igreja Católica, e como cidadão de Timor, venho pedir ao Senhor Secretário Geral, para iniciar em Timor o processo de descolonização mais normal e democrático que é a realização de um REFERENDUM. O Povo de Timor tem de ser ouvido através de um plebiscito quanto ao seu futuro. Até agora, o povo ainda não foi consultado. São os outros que falam em nome do Povo. É a Indonésia que diz que o Povo de Timor Orientar já escolheu a integração, mas o próprio povo de Timor nunca disse isso. Portugal quer deixar ao tempo a resolução do problema. E nós vamos morrendo como povo e como nação.

O Senhor Secretário Geral é democrata e amigo dos direitos humanos. Pois Sua Excelência que demonstre com factos o respeito pelo espírito e letra da Carta das Nações Unidas que concede a todos os povos desta Planeta o direito de escolherem o próprio destino, livre, consciente e responsavelmente.

Excelência: não há um modo mais democrático de saber a vontade suprema do Povo Timorense, a não ser a realização de um REFERENDUM promovido pelas Nações Unidas para o Povo de Timor.

Agradecendo ao Senhor Perez de Cuellar toda a simpatia para com o Povo de Timor, termino renovando os meus cumprimentos.

Com votos de admiração e respeito,

Creia-me sempre

+Carlos Filipe X. Belo
Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB
Bispo Titular de Lorium
Administrador Apostólico de Dili

Nota: Esta carta foi divulgada em 6 de Fevereiro de 1989 e chegou ao exterior nos princípios deste Abril.